

TODOS OS JOVENS DO MUNDO PASSAM POR ISSO¹: UMA PESQUISA COM JOVENS DO ENSINO NOTURNO

Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes

Introdução

*(...) o mundo hoje tá muito difícil e poucas pessoas se preocupam em ajudar os jovens. Igual estes que estão entrando na droga, se matando e matando o outro e ninguém toma providência. Não investe no jovem. O mundo capitalista só pensa em ganhar dinheiro e esquecem que nós, jovens, somos o futuro do mundo. O que eu vejo é muito mais pessoas perdidas nas ruas, mexendo com drogas aí... **Todos os jovens do mundo passam por isso**, não só os jovens de baixa renda, mas os de classe média também e até os ricos.*

Márcio –EF

Pesquisas sobre a juventude sempre ressaltaram imagens em que os jovens ora são vistos como o “futuro”, a “expressão máxima da mudança”; ora são “demonizados” e definidos em termos de patologias (ABRAMO, 1994 e 1997). Neste trabalho, buscamos construir representações relativas à juventude a partir do olhar dos próprios jovens e de suas histórias de vida.

Nossa investigação orientou-se pelas ideias segundo as quais a juventude nas sociedades contemporâneas não pode ser apenas identificada com condições biológicas. Segundo SPÓSITO (1999), qualquer tentativa de caracterização da juventude brasileira requer, preliminarmente, o reconhecimento da diversidade social e cultural que define este segmento. Desta forma, no seu singular, o conceito juventude é impreciso, o que justifica, portanto, falar em juventudes (*no plural*).

¹ Esse trabalho é parte da pesquisa **Juventude.com.br**: processos de inclusão/exclusão digital de jovens alunos do ensino noturno. (BRASILEIRO, Sheilla. Faculdade de Educação. UFMG).

O universo escolhido foi o de estudantes de escolas públicas que oferecem o ensino fundamental (EF) e o ensino médio (EM) no turno da noite, em uma cidade metropolitana brasileira que possui na educação básica noturna 81,5% de jovens. Optou-se por privilegiar o contato com jovens com idade entre 20 e 24 anos, seguindo orientações do estudo de MADEIRA (1998)².

Esta escolha justifica-se, ainda, por não serem jovens com uma história de escolaridade regular. No entanto, são envolvidos em atividades de trabalho e lazer, relacionados com a cultura letrada, escolarizada e urbana. É notória a necessidade de um aprofundamento a respeito da população jovem incorporada nos cursos noturnos da educação básica pelo próprio fato de a escola noturna evidenciar a existência de processos de desigualdade social.

No universo de duas escolas escolhidas, constatamos a presença de 241 jovens. Assim, foram realizadas investigações que pressupõem *observação participante*, *análise de documentos*, aplicação de *questionários* - respeitando os critérios de gênero, origem, etnia e turma/série - e constituição de *grupos focais*.

O grupo focal foi fundamental na construção dos dados perceptivos. Os vinte jovens participantes, sendo dez em cada grupo, enfocam aspectos cruciais de suas atividades cotidianas. Dão sentido e significado às suas ações. Dizem o que pensam da família, da escola e da sociedade em que vivem.

As investigações em campo duraram um ano. Durante todo o processo houve diálogo também com professores e coordenadores das escolas.

Conhecendo os jovens do ensino noturno

O perfil socioeconômico dos 120 jovens que responderam o questionário corroboram hipóteses acerca do perfil dos alunos do ensino noturno (DI PIERRO,1996; SOARES,1995). Grande parte dos sujeitos distribuiu-se de forma majoritária (87%) nas classes C e D, ou seja, são indivíduos de baixo poder aquisitivo.

Observando os dados relativos à educação dos pais dos jovens da amostra, verificam-se baixos níveis de escolaridade, predominando os que não possuem o ensino fundamental completo, seguido dos que nunca estudaram. Consequentemente, os dados

² Para Madeira, a juventude compreende de 15 a 19 anos os adolescentes e de 20 a 24 anos os jovens propriamente ditos. Os trabalhos desta autora têm se constituído em uma importante referência sobre o tema no Brasil.

não deixam dúvida quanto à concentração de ocupações semi-qualificadas, sem contrato de trabalho na maioria dos casos.

Um número expressivo das famílias não conta com a presença do pai, organizando-se em termos matrifocais. O número de mulheres que chefiam famílias evidencia as alterações ocorridas nestas últimas décadas na vida social. Destaca-se ainda o fato de 15% dos alunos não conhecerem o pai e 2% não conhecerem a mãe.

Observamos, entretanto, que os comportamentos escolares adotados pelos jovens não se reduzem às influências do ambiente doméstico. Acompanhando seus desdobramentos fica evidente a necessidade de considerar que o jovem interfere em seu percurso e nas relações que estabelece com outras instâncias de socialização. Nesse sentido, as experiências extra-escolares e a própria faixa etária em que se encontra, são dimensões que não podem ser negligenciadas.

Buscaremos explicitar como os jovens se constroem a partir de seus pertencimentos de etnia e gênero a partir dos relatos apresentados nos Grupos Focais. O objetivo central é verificar se essas duas categorias teriam influência na forma como os jovens se viam.

***Marcelo** – (...) hoje em dia o mais discriminado é o negro, a geração de pele ruim. Se a gente for numa loja boa, a gente não vê escuro trabalhando. Eu falo porque já fui muito discriminado em locais de trabalho, na rua... Em muitas empresas que fui procurar emprego eu tinha mais condição que o outro candidato, mas por ele ser branco conseguiu. Uma amiga minha, muito inteligente e qualificada, não conseguiu o emprego porque ela é negra, pediram pessoa de “boa aparência” e formada. Ela é formada, mas é negra.*

***Márcio** – Mas sabe o maior preconceito que tem? Para mim não é da cor. Vai o Pelé em qualquer lugar para ver se alguém vai chamar ele de negão. O negócio é mais o dinheiro, a classe social.*

***Fabiana** – Na novela colocam os negros sempre com um papel pior. Muitas vezes eles não têm um papel digno, são*

empregados, escravos, prostitutas... Se diz que no Brasil não tem preconceitos, mas sempre tem.

Márcio – *Eu não falei que não tem preconceito, mas o negro hoje está conquistando o espaço dele. Isso é uma luta demorada. Eu dou maior valor à raça negra, porque nós todos somos da mesma mistura.*

Leonardo – *Às vezes acho que os homens negros têm discriminação contra as negras e tem que igualar tudo.*

Luis – *Eu acho que no Brasil tem mais negro do que branco. Agora nos melhores lugares a gente vê que tem mais branco.*

Israel – *Branco que eu falo é assim da minha cor, né? Porque preto é aquele assim que tem a pele bem preta que a gente só vê os dentes. Eu não tenho racismo não. A minha cor não é preta, nem é branca, eu sou moreno. Mas para mim branco é branco e preto é preto mesmo.*

Márcio – *Você já reparou que mesmo a gente não tendo preconceito, nas palavras e gestos a gente revela o preconceito? Por exemplo, fala moreninho, quando é negro. Isso para mim é preconceito, se eu vou falar o que a pessoa não é porque pensa que está ofendendo, é preconceito. Isto vem da história.*

Os jovens mostram o quanto o problema racial é complexo na sociedade brasileira. Para quem insiste que no Brasil o racismo é camuflado, a fala desses jovens é bastante perturbadora. Na fala de Marcelo, por exemplo, detectamos que sente que a maior discriminação é a da cor, é como se fosse “uma geração de pele ruim”. O racismo não só é visível como deixa muito evidente quem ocupa certos lugares na sociedade.

Nas discussões com os Grupos Focais os jovens afirmaram que a escola pouco discute sobre a cultura negra e que gostariam que esta fosse uma das temáticas trabalhadas.

Em relação ao gênero, os alunos do ensino fundamental falaram da existência de um projeto³ que está sendo desenvolvido em todas as turmas do ensino fundamental e que tem contribuído para a reflexão na escola.

Leonardo – *Eu acho que uma das coisas que mais atinge os jovens é as aulas de gênero. Principalmente quando separa os homens das mulheres, porque misturado a gente fica com vergonha de perguntar. Acho que deve ser difícil para as professoras ficarem com a sala cheia de homens, tendo que ser professora, médica, psicóloga, amiga, mas elas estão fazendo o trabalho muito bem. A gente está amadurecendo bastante. Pergunto tudo. Agora as professoras estão discutindo sexualidade, mas tem gente que fica rindo, fala que sabe fazer sexo... mas não sabe da responsabilidade, da prevenção. Então as professoras estão indo além dos livros. Mas não é fácil!*

Constatamos que muitos dos jovens da pesquisa habitam em favelas e vale a pena lembrar os estigmas que carregam consigo. Além do próprio medo, têm ainda de experimentar o sentimento de, pela aparência e/ou pelo endereço, despertar medo nas pessoas.

Paulo – *Se eu fosse reconhecido como gente na sociedade, para mim estava bom. Porque se eu estou andando normal na rua, todo mundo começa a colocar as bolsas para frente, esconde o celular, sai de perto. As pessoas têm muito preconceito, porque a gente é pobre e não tem dinheiro para andar bem vestido. Eu me sinto humilhado. Porque se eu fosse um ladrão, mas estivesse de terno e gravata, ninguém ia ficar com medo.*

Giovanna – *A gente pode ter o dinheiro para fazer um crediário, mas quando coloca onde mora, ninguém aprova. Quando vou procurar trabalho tenho que inventar um endereço, porque se eu colocar que moro na vila eles vão pensar que eu vou roubar ou fazer “qualquer serviço”, você sabe, né?*

³ O Projeto Gênero é uma proposta da escola na qual, uma vez por semana, a enturmação ocorre por gênero. Nestes momentos discutem com professores questões relativas a temáticas tais como sexualidade, violência doméstica, relacionamento e outros de interesse dos grupos.

A ausência de sentido pessoal – sentimento de que a vida nada tem a oferecer que valha a pena – foi um tema que emergiu, de forma perturbadora, em várias sessões dos grupos focais. No debate sobre o que é “ser jovem”, alguns se identificam com um estado permanente de amargura, outros se referem à auto-exclusão, à perda de referências e, ainda, à consciência de estar só no mundo.

De acordo com a análise dos questionários 95% dos jovens afirmaram participar de algum grupo, sendo que 65% declaravam fazer parte dos grupos de igrejas. Devido à amplitude da sociedade atual, as pessoas procuram voltar-se aos pequenos mundos (igrejas, comunidades) onde dão conta de acompanhar seus processos. A opção pela religião integra o modelo de conduta a ser adotado. Nos debates no interior dos grupos focais esse envolvimento foi melhor explicitado.

Márcio – *Eu já fui um cara viciado em drogas. Eu estava numa situação que Deus me ajudou, porque eu já podia estar morto. Às vezes as pessoas estão no meio da droga, porque ela não se sente importante com nada. Matar ou morrer: qual a diferença? Minha autoestima estava lá embaixo. Aí o pessoal da igreja veio e se importou comigo. As drogas só acabam com a gente.*

Leonardo – *Para o jovem se dar bem na vida, ele precisa ter um bom relacionamento com os pais, ter uma escola e uma religião.*

Israel – *Para mim a religião influi muito na vida do jovem. Meus parentes são da igreja evangélica, isso me ajudou muito a entregar a vida e o coração para Deus.*

Márcio – *Os jovens da igreja pensam no futuro e têm temor a Deus. E quem teme a Deus antes de fazer o mal lembra que mesmo ninguém vendo, Deus está vendo. Os jovens da igreja evangélica se preocupam uns com os outros. Se eles veem a gente para baixo eles chegam, ‘pô irmão’ e tal. Lá na igreja a gente tem um apoio, pensa positivo. Tem teatro, coreografia, coisas para mostrar que o jovem tem valor para Deus e para a gente mesmo.*

Marcelo – *Desde que passei para a igreja evangélica melhorou demais a minha vida. Mas eu acho que temos que valorizar a si*

mesmo, eu tenho muitas coisas guardadas no peito, mas não tenho o dom de falar lá na frente.

Outro aspecto que chamou atenção nos discursos dos jovens refere-se ao valor dado ao trabalho. No Brasil, a baixa escolarização e qualificação profissional são barreiras que dificultam o acesso ao mercado formal de trabalho. Sem formação adequada para as exigências do mercado de trabalho, não resta alternativa senão “pegar o que aparece”.

Márcio: Eu faço todo tipo de trabalho. Tô desempregado e pego bico, capino, qualquer coisa. O que eu gosto de fazer é mexer com arte. Mas eu pego o que aparece.

A maioria das profissões dos jovens alunos está relacionada ao setor informal, embora elas se diferenciem de acordo com o nível de escolaridade. Entre os jovens do Ensino Fundamental 94% cumprem jornada diária de 6 a 12 horas. Dentre as profissões exercidas atualmente pelas mulheres destaca-se o trabalho doméstico (87%), sendo que muitas trabalham em casas de família sem carteira assinada e, às vezes, trocando o trabalho pela moradia. Entre os homens do ensino fundamental há predominância de trabalhos autônomos como “marido de aluguel”, auxiliar de pedreiro, de carpinteiro, de pintor e segurança.

Todos os jovens do Ensino Médio trabalham e cumprem a jornada diária entre 4 e 9 horas. Dentre as ocupações destacam-se a de vendedor (46%), seguido de doméstica (15%); telefonista de *call center* (12%).

Constata-se, portanto, uma significativa diferença entre o tempo de trabalho e as profissões dos alunos do EF em relação aos jovens do EM. No que se refere às profissões que os alunos pretendem exercer no futuro são bem distintas das que eles hoje exercem. A maioria (64% do EF e 71% do EM) pretende exercer profissões que exigem a formação superior.

Tem-se primeiramente que as pessoas trabalham para suprir suas necessidades básicas, mas também porque o trabalho permite aos indivíduos serem vistos e perceberem-se como dignos, honestos e merecedores de respeito. Estudos de GOUVEIA (1992) e MADEIRA (1998) apresentam com muita procedência o significado de liberdade

contido na decisão de trabalhar por parte dos jovens. Para eles, ser livre significa ter liberdade para tomar decisões sobre a própria vida; é ter autonomia para fazer uso do seu dinheiro, para comprar, para consumir os bens culturais que os identifiquem como jovens.

As discussões realizadas junto aos jovens do Grupo Focal permitem estabelecer um olhar sobre quem é esse jovem e quais as suas perspectivas para enfrentar a vida numa sociedade complexa. Os jovens aqui presentes mostraram-se, em muitos momentos, maduros e assumindo tarefas identificadas como características da “vida adulta”: trabalham fora, cuidam de irmãos ou dos filhos, trazem dinheiro para completar a renda familiar e, em alguns casos, são os únicos provedores dessa renda.

Essa juventude não é um dado. É, antes de tudo, uma construção social. Os jovens aqui presentes contrariam alguns dos estereótipos a eles atribuídos: a irresponsabilidade, a impetuosidade desmedida, a violência, o desapego aos valores familiares. Exibem, isto sim, um caráter construído a partir das necessidades que regem seu cotidiano, um cotidiano que lhes impõe assumir imensas responsabilidades e tarefas.

Algumas reflexões para a escola básica

O mundo está evoluindo e é preciso que a escola pública evolua junto. Não fique parada no tempo, como está hoje.

Alexandro (EM)

Os jovens participantes dessa pesquisa experimentaram a repetência e/ou a evasão, devido a diversos percalços na vida escolar. Entre os estudantes do EF todos já interromperam os estudos por um período que varia de 1 a 14 anos (sendo que um aluno iniciou os estudos com 18 anos). Entre os jovens do EM a reprovação é o fator mais determinante.

Os motivos da evasão estão muito relacionados a fatores relacionados ao ambiente familiar como a necessidade de trabalhar - em geral, aos 8 anos de idade - falta de escola na região que morava, mudança de cidade, casamento, gravidez, entre outros.

Eliane – *Eu fiquei 3 anos sem estudar porque não tinha colégio perto de casa, depois que eu mudei para a cidade, consegui vaga aqui.*

Israel – *Eu fiquei parado 11 anos porque eu tive que começar a trabalhar cedo. Meu pai abandonou minha mãe e a gente era pequeno. Comecei a trabalhar e não quis parar mais.*

Paulo – *Fiquei 5 anos e meio sem estudar. O motivo foi para ajudar minha mãe. Tinha que trabalhar.*

Já as explicações para a reprovação diferem das que foram dadas para a evasão. Não aparecem mais fatores externos. A maioria dos alunos se culpabiliza pela reprovação:

Márcio – *Quando eu estudava tinha muitos problemas. Tinha vez que eu ia o ano inteiro na aula e ficava de recuperação em todas as matérias. Não conseguia estudar mesmo, o negócio era fazer bagunça.*

Daniela – *Não gostava da escola e perdi a vontade de estudar. Tai o resultado.*

Camila – *Eu também fui reprovada porque não levei a sério. Na 6ª série eu só queria saber de namorar. Depois engravidei.*

Valéria – *O motivo que fez eu tomar bomba foi a falta de sabedoria. A matéria não entrava na minha cabeça. Tanto é que repeti três vezes a sétima série.*

Um dos principais motivos que levam os jovens a retornar, principalmente entre os que se encontram no EF, é aquele que o fez sair da escola: o trabalho. A escola para eles é uma possibilidade de ascender socialmente.

Leonardo - *O que me fez voltar para a escola foi o lado profissional. Tem 14 anos que parei. Resolvi voltar porque eu sou auxiliar de enfermagem e eles falaram que tem que ser técnico. Procurei o curso, mas como eu tinha só a quarta série*

não pude fazer. Tem que ser no mínimo o ensino fundamental. Se eu não tiver o curso, eu tô fora...

Fabiana – *Fiquei 8 anos sem estudar, porque comecei a trabalhar muito cedo. Futuramente eu pretendo fazer enfermagem. Eu sou doméstica e quero subir. Tenho que lutar muito ainda.*

Paulo – *Comecei a trabalhar cedo e vi que sem estudo é difícil até para procurar o emprego porque eles mandam a gente preencher um papel que não dou conta. Trabalho numa casa de ração quando falta alguém, sou folguista, não tenho nada fixo. Futuramente quero ter meu próprio negócio.*

Os jovens destacam que apesar das escolas em que estudam atualmente terem boa infraestrutura, possuem baixa qualidade de ensino. Além disso, desconhecem uma política voltada para a juventude ou para o ensino noturno. Destaca-se, principalmente entre os alunos do Ensino Médio, o grande número de jovens que estão insatisfeitos com a proposta e organização da escola. Criticam a maneira de ensinar, a falta de incentivo, a pouca interação entre professor-aluno e a didática.

Daniela – *Os professores faltam muito. Eu acho que se fosse numa escola particular isso não aconteceria. Este ano tem um professor que está internado desde o início do ano e não veio substituto. A professora de química vai entrar de licença e não vai repor. O ano passado não teve aula de inglês porque não conseguiram professor. Este ano estamos tendo, mas está tão ruim que nem sei se vale a pena.*

Entre as demandas escolares dos jovens dos dois níveis de ensino, o computador com *internet* é o recurso mais desejado (98%). Destacaram-se as afirmações que “haveria maior motivação e aprendizagem”, “teriam maior acesso ao conhecimento” e que “a escola estaria mais próxima do mundo atual”. Os jovens revelaram sentirem-se excluídos do processo de informatização da sociedade:

Leonardo – *Eu acho que todo mundo tem condição de aprender com o computador, o que falta é o acesso. O pobre só vai ter oportunidade de ver o computador se tiver uma oportunidade na escola, ou às vezes, ele até faz o esforço de pagar um curso, mas chega em casa ele não tem computador, esquece tudo.*

Paulo – *Isso eu sinto falta, não só porque não temos na escola, mas porque não temos em lugar nenhum.*

Márcio – *A gente está sendo excluído da evolução.*

Essa é uma das novas faces da exclusão social. Enquanto um jovem das camadas médias e altas da sociedade tem acesso ao ciberespaço e todas as fontes de informação disponíveis, o jovem da camada pauperizada fica privado de interagir com os produtores de conteúdo, de observá-los, questioná-los e até mesmo de produzir informação. Quem está desconectado desconhece o oceano informacional e não consegue comunicar-se com a velocidade dos incluídos.

ARROYO (2006) fornece-nos elementos que ajuda a refletir sobre esta questão:

Há várias décadas que as camadas populares vêm pressionando o Estado para entrar na escola. E entraram. Não na escola que durante anos serviu aos filhos das camadas dirigentes, mas em uma rede escolar de segunda ou terceira categoria. Com dois ou três anos incompletos foram expulsas, obrigadas a sair para entrar precocemente no mercado de trabalho, por falta de condições materiais, psíquicas, motoras e outros condicionantes tão pesquisados. Saíram porque o lugar delas não era esse, seu destino é o de trabalhadores. (p.16)

A citação encontra ressonância na fala dos jovens:

Alexandro – EM - *Antes se tomasse bomba tinha que sair da escola. Agora que a gente voltou não tem repetência. Você pode pegar qualquer jornal hoje em dia e ver que nosso estado tem 100% de aprovação. O que adianta? Aqui á noite temos alunos*

da 7ª série que não sabem ler. Não tem reprovação, mas também não tem qualidade. Antes a gente tinha que estudar para passar. Agora, se você vier uma vez por semana, no final você passa do mesmo jeito. Esse diploma vai servir para alguma coisa? Se aprendeu bem, se não a vida vai dar um jeito. Tanto o aluno, os professores e a escola têm que ajudar. A responsabilidade é meio a meio.

Leonardo – EF -*Eu acho que os professores são muito bonzinhos com a gente. Tinha que ter nota e se bombou, bombou mesmo e vai estudar. O aluno tem que ter direito de saber se ele tirou 100 ou zero. Só avalia na ficha falando o comportamento. Eu posso ser educado, mas não saber nada. A ficha avaliativa tem um monte de coisa lá escrita “em desenvolvimento”. É claro que se eu estou estudando eu estou em desenvolvimento. Se faço conta errada de matemática, vem escrito “faz com dificuldade”, eu sei que tenho dificuldade quero saber é se mesmo com dificuldade eu estou fazendo certo. Eu acho que na ficha tinha que ter dois termos está bom ou péssimo e pronto. Lá fora as coisas não funcionam como aqui. Gosto da verdade, tapeação não dá.*

Fica evidente pelos depoentes a percepção de que a escola oferecida às camadas populares é inferior àquela que se oferece às classes mais abastadas, e que o conhecimento das consequências disso não é exclusividade dos meios acadêmicos. A fala simples dos alunos revela que eles têm escola, mas sabem o tipo de escola que têm. E, parece-nos, que eles sabem até mesmo o papel que ela exerce, enquanto confirma e acentua o processo de desigualdade social. Ainda assim é da escola que os jovens mais esperam, atribuindo-lhe o preparo para a profissionalização e para a cidadania.

Considerações Finais

Os jovens sujeitos dessa pesquisa têm como ponto comum o que MARTINS (1997) chama de inclusão de forma subalterna. Sua inserção social faz-se em um sub-

emprego, precário e instável, muitas vezes ameaçado. Frequentam uma escola que eles mesmos e a sociedade em geral não consideram ideal. Em sua maioria temem o desemprego futuro, têm esperança de que a escola possa ajudá-los na escalada social, mas a realidade que os cerca nem sempre aponta para isso.

É necessário repensar a maneira pela qual a escola vem promovendo ou reforçando determinados processos de exclusão social. Notamos que há vivências próprias do universo jovem, muitas vezes imperceptíveis na prática dos educadores, que exercem, no entanto, grande influência, tanto no processo de aprendizagem, quanto no envolvimento dos alunos com a escola. Questões como a frustração no trabalho, a pouca perspectiva de sucesso, a baixa autoestima, o acesso a informação e o uso de drogas têm recebido pouca atenção.

Ficou evidente o grande valor que se dá aos profissionais que conseguem conciliar uma postura firme, com a capacidade de se respeitar e ouvir o jovem, em uma relação amigável, sem descuidar da seriedade do seu trabalho. Esse perfil de professor revelou-se ideal no depoimento dos jovens alunos da escola noturna.

Percebemos, ainda, a exigência de uma escola mais bem preparada para enfrentar os desafios formadores num mundo com as características do nosso. Para isso, acreditamos que a escola precisaria valorizar o mundo real desses jovens, considerá-los como protagonistas de sua história e não como meros “receptores”.

Finalmente, esperamos que as reflexões e histórias de vida dos jovens, ora apresentadas, possam contribuir para que o tempo vivido na escola noturna não se torne uma segunda etapa do “tempo perdido” (roubado/negado).

Referências

- ABRAMO, H. **Cenas juvenis no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994
- _____. **Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil**. São Paulo: ANPEd, 1997
- ARROYO, M. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 2006
- BRASILEIRO, Sheilla. **Juventude e Novas Tecnologias: Implicações para a Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2002.

_____. **Juventude.com.br**: processos de inclusão/exclusão digital de jovens alunos do ensino noturno. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DI PIERRO, M. **Políticas de Educação Básica de Jovens e Adultos no Brasil**. Porto Alegre: PUC, 1996.

FREITAS, M. **Dados sobre a juventude no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2005

GOUVEIA, A. **Democratização do ensino e oportunidades de emprego**. São Paulo: Loyola, 1992

MADEIRA, F. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

MARTINS, J. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997

SOARES, L. **Educação de Adultos em Minas Gerais**. São Paulo: USP, 1995.

SPÓSITO, M. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL (org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.